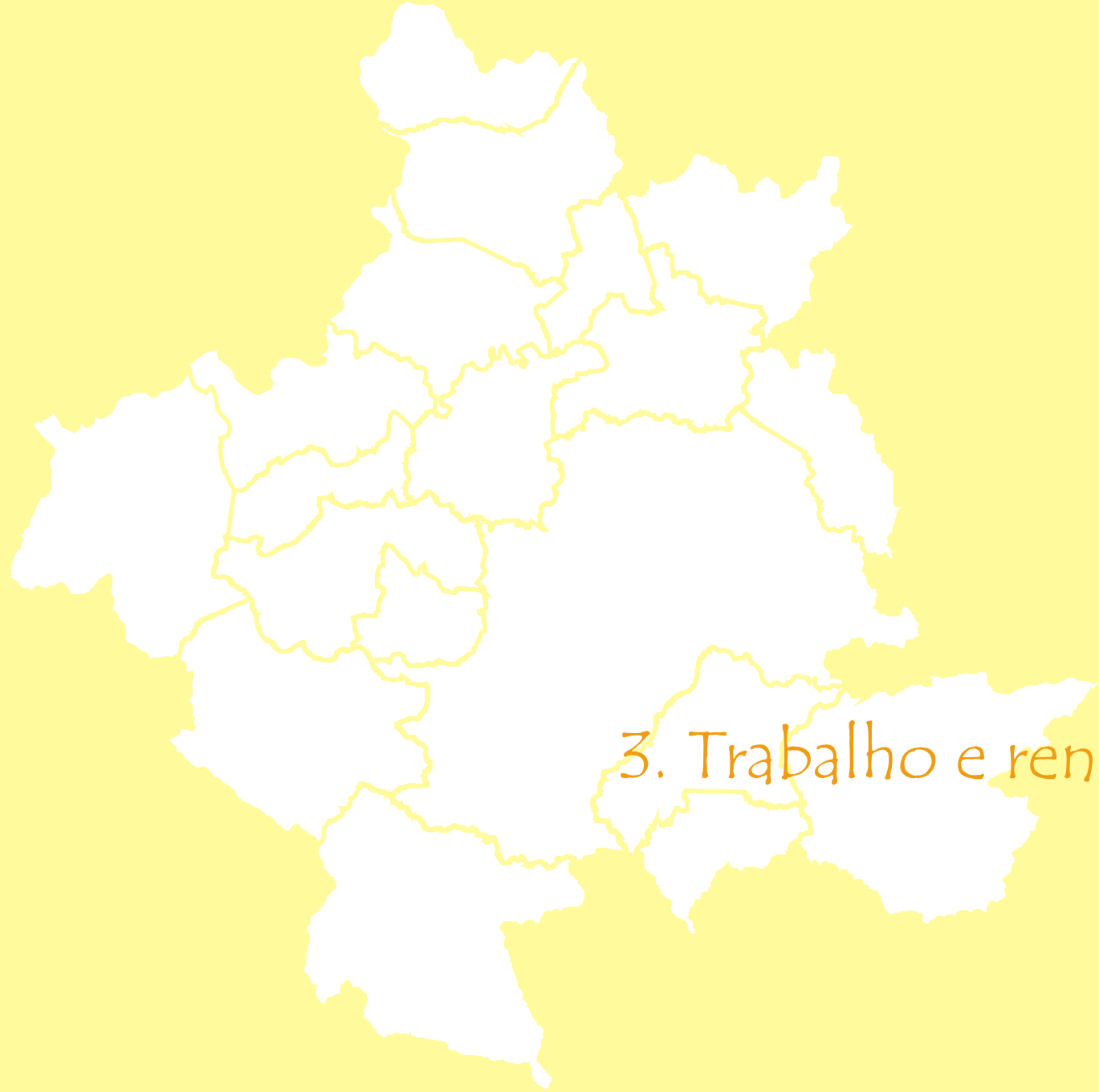
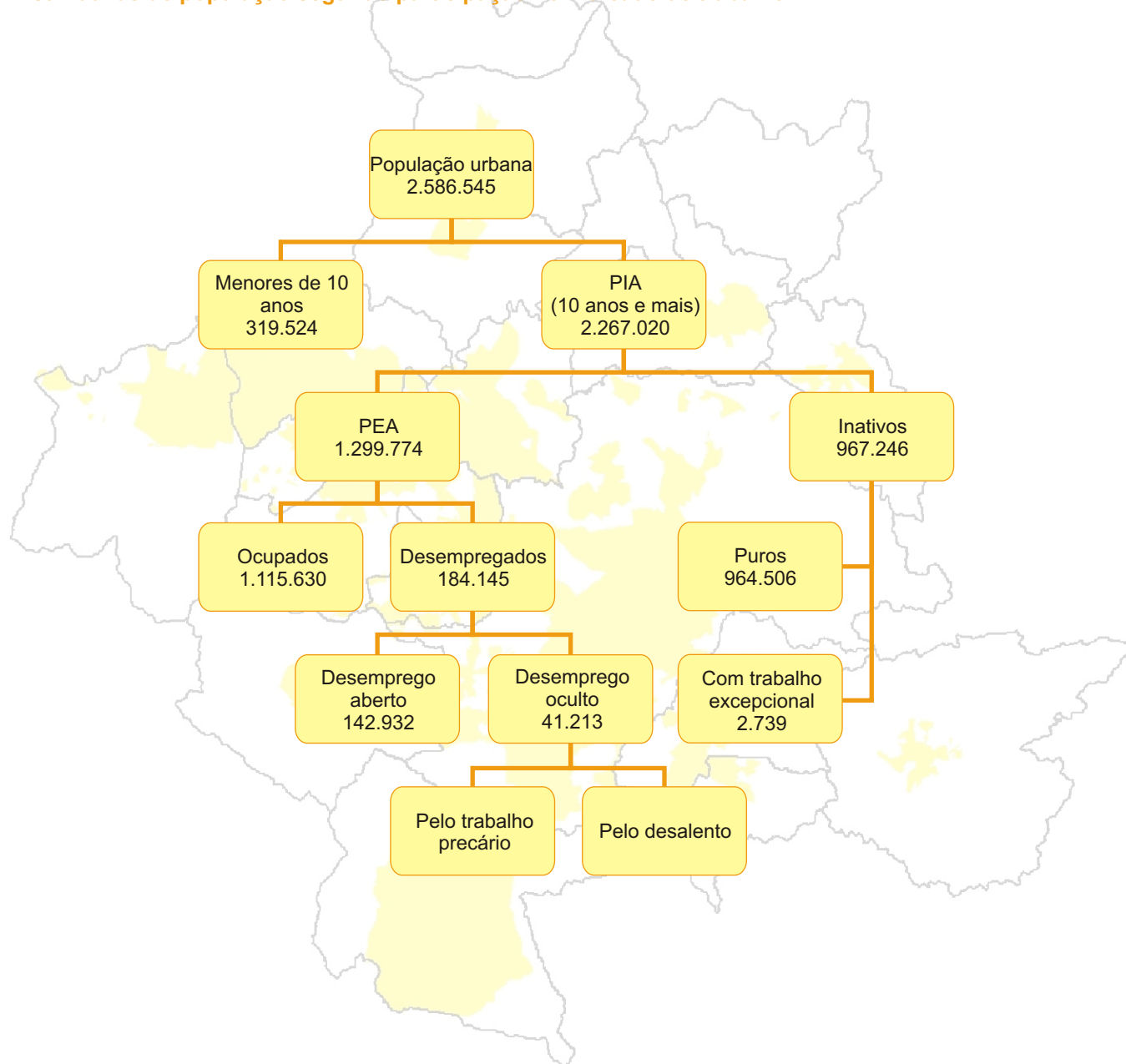




3. Trabalho e rendimentos

Estimativas de população segundo participação no mercado de trabalho



O diagrama* ao lado apresenta, de modo sintético os volumes mais importantes para a caracterização do mercado de trabalho da RMC. A população de 10 anos ou mais - População em idade ativa (PIA), correspondente a 87,64 % da população total. A PIA, por sua vez, é composta pela População economicamente ativa (PEA) - constituída pelas pessoas que participam do mercado de trabalho, seja na condição de ocupados seja na condição de desempregados - e pelos Inativos, ou seja, as pessoas que não participam do mercado de trabalho, seja porque dele já se retiraram seja porque nunca trabalharam. Na RMC, a taxa de participação (proporção da PIA representada pela PEA) é de 57,33%.

Contudo, especialistas consideram ser o mercado de trabalho no Brasil bastante heterogêneo, uma vez que é pouco estruturado, marcado por alta disponibilidade de força de trabalho, altos níveis de informalidade (portanto, com níveis insatisfatórios de proteção social) e, por tudo isso, com fronteiras borradas e muito flexíveis entre o trabalho e o não-trabalho, entre o desemprego e a inatividade. Isto significa dizer que os limites entre as diferentes situações – ocupado, desempregado, inativo são pouco claros. Não é incomum, por exemplo, que donas de casa que normalmente não trabalhem de forma remunerada resolvam fazê-lo em situações de emergência familiar e retornem à condição de inativas uma vez passada esta emergência. Do mesmo modo, a condição de desempregado pode ficar oculta pelo desempenho de trabalho precário (instável, sem proteção formal, baixa remuneração, poucas horas semanais), ou ainda pelo desalento, isto é, pela desistência da procura trabalho em função da dificuldade em obtê-lo.

A RMC não foge a esta característica básica do mercado de trabalho nacional. Assim, na PEA, a taxa de desemprego aberto, representada por aqueles que procuraram efetivamente trabalho na data de referência é de 11%, mas o desemprego oculto pelo trabalho precário e pelo desalento eleva a taxa de desemprego total a 14,17%. Consequentemente, a taxa de ocupação (proporção da PEA que está ocupada) é de 85,83%. Entre os inativos, uma pequena parcela trabalha excepcionalmente, mantendo assim uma relação marginal com a PEA.

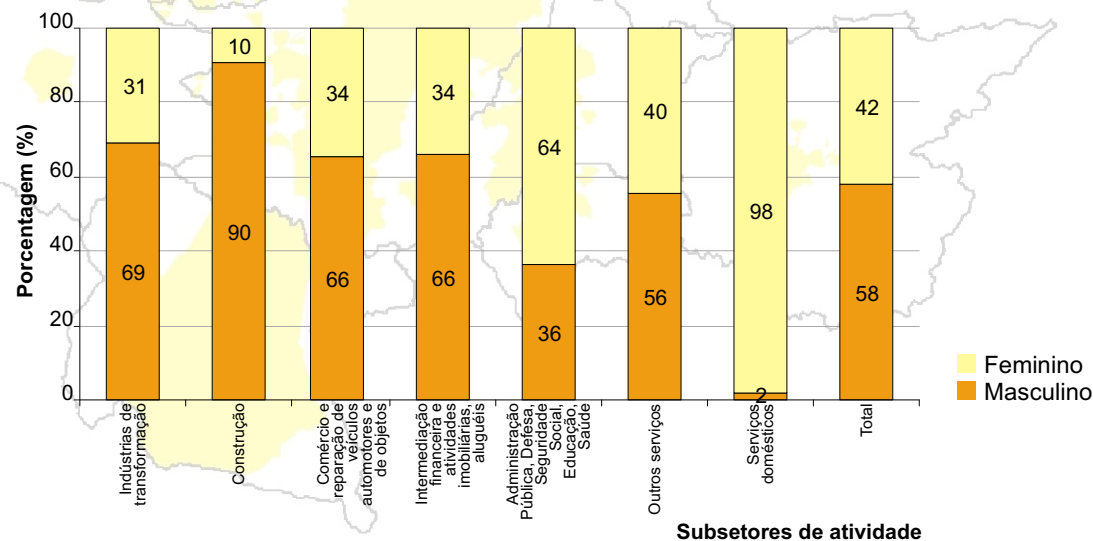
(*) Este diagrama foi produzido pela equipe SEADE/ DIEESE responsável pela PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego – cuja metodologia foi adotada pelo Projeto Vulnerabilidade.

População urbana: distribuição dos ocupados por sexo e setor de atividade

Setor de Atividade	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	0,34*	0,11*	0,24*
Indústria	42,63	20,98	33,49
Indústrias de transformação	31,58	19,19	26,35
Outras atividades industriais	1,36	0,39	0,95
Construção	9,69	1,39	6,19
Comércio e Serviços	56,51	78,32	65,72
Comércio e reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos	19,49	13,97	17,16
Intermediação financeira e atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados a empresa	8,22	5,80	7,20
Administração Pública, Defesa, Seguridade Social, Educação, Saúde	7,74	18,64	12,34
Outros serviços	21,39	23,25	22,17
Serviços domésticos	0,20	17,25	7,40
Total	100	100	100

(*) Valores não significativos.

Composição de alguns subsetores de atividade por sexo dos ocupados



Como nas demais regiões metropolitanas do país, o setor de Comércio e Serviços na RMC é, em suas várias modalidades, o grande empregador de mão de obra, absorvendo mais de 65,72% do total dos ocupados. No caso da mão de obra feminina, este percentual chega quase a 80% em virtude, principalmente, da menor participação das mulheres nas Indústrias de Transformação, (que corresponde a pouco mais da metade da participação masculina) e de sua quase inexistência na Construção.

Considerando-se as diferentes modalidades do setor de Comércio e Serviços, verifica-se que a categoria "Outros Serviços" que engloba todos os serviços não incluídos nas categorias anteriores, emprega tanto homens quanto mulheres, absorvendo parcelas bastante próximas da PEA ocupada masculina e da feminina, com leve diferença positiva para as mulheres.

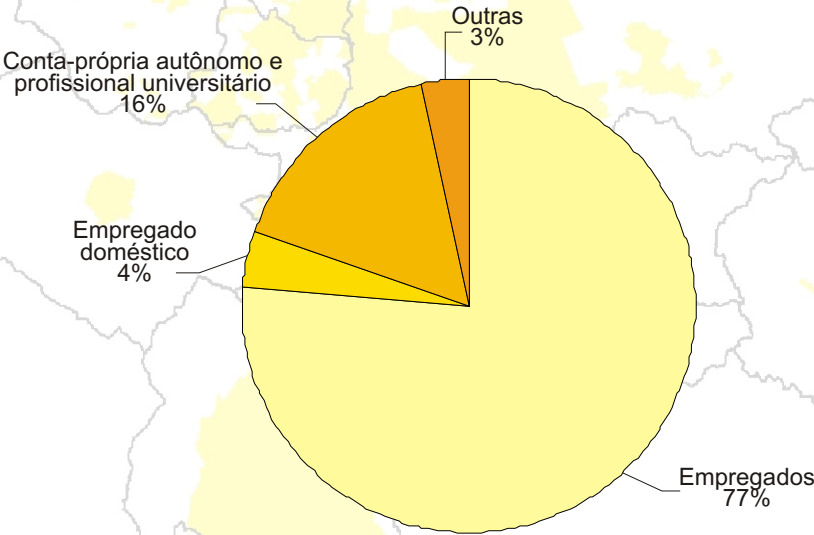
Contudo, outros subsetores já mostram expressiva desigualdade. Assim é que o subsetor Administração Pública, Defesa, Seguridade Social, Educação, Saúde emprega cerca de 19% da população feminina ocupada e apenas 7% da população masculina na mesma condição. O serviço doméstico também absorve parcela significativa das mulheres ocupadas e quase nada dos ocupados de sexo masculino. Já o Comércio e Reparação de Veículos Automotores e de Objetos Domésticos e Pessoais emprega parcela maior da PEA ocupada masculina.

O volume desigual de homens e mulheres na PEA, porém, pode dar margem a conclusões enganosas. O gráfico ao lado, que mostra a composição dos principais subsetores segundo o sexo dos ocupados esclarece um pouco mais a questão. Os homens representam 57,8% do total da PEA ocupada, mas correspondem a 90,5% dos ocupados na construção civil, a quase 70% dos ocupados nas indústrias de transformação e a 66% dos ocupados nas atividades de intermediação financeira e similares. Estes são, portanto sub-setores de inconteste predomínio da mão de obra masculina. Já as mulheres predominam, com valores bem superiores à sua participação no total da PEA, nos serviços domésticos (98%) e nas atividades de Administração Pública, Defesa, Seguridade Social, Educação, Saúde (64%).

População urbana: posição na ocupação por sexo

Posição na ocupação	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Empregados	80,43	71,19	76,52
Empregado doméstico	0,0	9,14	3,87
Conta-própria autônomo e profissional universitário	17,17	14,92	16,22
Outras	2,39	4,75	3,39
Total	57,63	42,37	1.115.630

Distribuição dos ocupados por posição na ocupação



Na RMC, dentre os ocupados predominam incontestavelmente os empregados, que representam quase 80% da mão de obra masculina ocupada e 70% da feminina. A seguir, entre os homens, estão os autônomos, dentre os quais há uma parcela bem reduzida de profissionais universitários. Entre as mulheres, o trabalho autônomo também é bastante expressivo. O emprego doméstico representa a terceira posição mais frequente entre as mulheres. As demais categorias não têm ocorrência relevante.

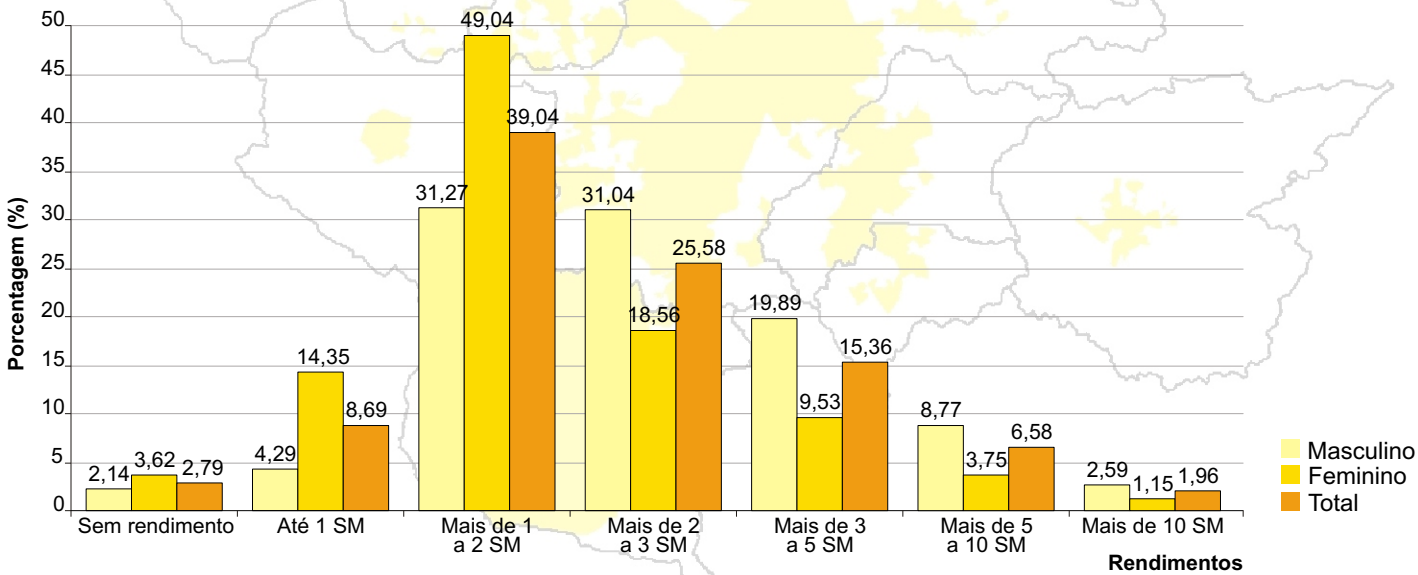
População urbana: horas trabalhadas na semana

Horas trabalhadas na semana	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
até 40	40,41	58,01	47,72
de 41 a 44	18,52	11,57	15,59
mais de 44	41,27	30,42	36,69
Total	100	100	100
Média	45	42	44
Mediana	44	40	44

População urbana: rendimentos do trabalho principal

Rendimentos (R\$)	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Média	1.171	759	991
Mediana	900	600	760

Distribuição dos rendimentos do trabalho principal segundo sexo



Na RMC, mais de 40% dos ocupados do sexo masculino declaram dedicar mais de 44 horas por semana ao trabalho principal. Já entre as mulheres são mais frequentes aquelas que trabalham 21 e 40 horas (52%), mas não é desprezível o contingente feminino que declara trabalhar mais de 44 horas – 30% das ocupadas. Em termos médios, os homens trabalham 3 horas a mais na semana do que as mulheres. Esta diferença se eleva para 4 anos em termos medianos. Mas não será apenas este fator o responsável pela diferença salarial observada entre homens e mulheres. Em termos médios, o tempo de trabalho feminino corresponde a 93% do tempo de trabalho masculino para uma remuneração correspondente à apenas 64% daquela percebida pelos homens. Em termos medianos, para uma jornada de trabalho correspondente a 91% da masculina, os rendimentos femininos correspondem a apenas 67% daqueles percebidos pelos homens.

PEA urbana ocupada: empregados com carteira assinada

Sexo	Posição na ocupação		Total
	Empregado	Empregado doméstico	
Masculino	90,53	0,00	90,51
Feminino	85,04	42,31	78,29
Total	88,42	42,23	85,30

PEA urbana ocupada: rendimento do trabalho principal assalariado

Posição na ocupação	Rendimento (R\$)	Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Empregado	Médio	1.091,34	776,09	964,11
	Mediano	800,00	600,00	756,00
Empregado doméstico	Médio		405,81	405,81
	Mediano		400,00	400,00

PEA urbana ocupada: benefícios e auxílios associados ao emprego assalariado

Benefícios / Auxílios	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Auxílio transporte	65,49	70,41	67,42
Plano de saúde	36,70	30,39	34,23
Outro	14,39	10,83	12,99

A carteira de trabalho assinada pelo empregador é importante indicador do nível de formalização do mercado de Trabalho. Na RMC, 85% dos empregados assalariados (excluindo-se os funcionários públicos) têm carteira assinada. O emprego formal ocorre mais frequentemente entre os homens do que entre as mulheres. Este menor grau de formalização do trabalho feminino é agravado ainda mais pelo fato de que o serviço doméstico - grande empregador de mulheres - é muito pouco formalizado. Das empregadas domésticas da RMC, apenas 42% têm carteira assinada. Em função disto, as mulheres trabalhadoras com carteira assinada representam 78% do total das ocupadas, ao passo que os homens na mesma condição representam 90% do total dos ocupados. Esta pior inserção feminina entre os assalariados reflete-se também nos salários. As mulheres empregadas recebem o equivalente a 71% dos salários masculinos em termos médios e a 75% em termos medianos. Mas são as empregadas domésticas as que apresentam a pior remuneração em termos comparativos. O salário médio não representa mais do que 37% do valor do salário médio masculino enquanto o salário mediano corresponde à metade daquele percebido pelos homens.

No que diz respeito aos auxílios e benefícios associados ao trabalho assalariado, o percentual de mulheres que recebem auxílio transporte (70% das assalariadas) suplanta o de homens (65%). Mas nos demais tipos de auxílio as assalariadas estão em clara desvantagem em relação aos assalariados: o número de mulheres que dispõem de plano de saúde equivale a quatro quintos do número de homens que dispõem deste mesmo benefício e o percentual das que recebem algum outro auxílio corresponde a três quartos do percentual masculino. De um modo geral, apenas o auxílio transporte é razoavelmente disseminado. Os demais atingem parcela muito restrita dos trabalhadores.

Taxas de participação, segundo algumas características pessoais e Zonas de Vulnerabilidade

Sexo	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
Masculino	68,00	72,57	63,53	58,64	67,80
Feminino	51,32	50,93	41,89	44,70	47,96
Total	59,57	61,26	52,12	50,88	57,33

Grupos etários	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
10 a 24 anos	42,45	55,27	47,16	44,09	51,11
25 a 39 anos	81,02	83,30	87,29	94,59	84,92
40 a 54 anos	76,86	71,37	67,08	67,42	71,84
55 a 69 anos	31,50	29,44	29,42	22,49	27,93
70 anos e mais	0,00	1,63	3,33	4,99	2,95
Total	59,57	61,26	52,12	50,88	57,33

Cor / Raça	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
Branca	57,26	60,71	50,22	49,31	55,35
Não branca	61,16	62,06	59,23	67,16	61,39
Total	59,57	61,26	52,12	50,88	57,33

Anos de instrução	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
até 8 anos	50,23	50,95	30,00	28,40	43,96
9 anos ou mais	82,65	83,24	75,34	68,02	77,32
Total	59,57	61,26	52,12	50,88	57,33

As taxas de participação nas diferentes ZVs sofrem certa variação. A taxa geral de 61,26% encontrada para a ZV2 é a maior delas. Note-se que ela está muito próxima da taxa obtida para a ZV1 e se distancia bastante das taxas das ZVs 3 e 4. Ao observarmos as diferenças por sexo, nota-se que estas tendências estão mais acentuadas nas taxas masculinas. Para os homens, a maior taxa de participação – 72,57% – é encontrada ZV2 e distancia-se 14 pontos percentuais da obtida para a ZV4. Embora possam ser observadas as mesmas tendências entre as mulheres, as diferenças são menos acentuadas.

Já no que diz respeito às taxas de participação por idade, observa-se que estas atingem seu pico na faixa de 25-39 anos em todas as ZVs, de modo marcante na ZV4. A partir dos 40 anos, as taxas apresentam tendência declinante, que se acentua a partir dos 55 anos e chegando a valores puramente residuais nos 70 anos e mais de idade. Provavelmente este movimento está associado à saída definitiva do mercado de trabalho que se intensifica a partir dos 55 anos.

Com relação à raça/cor, as taxas de participação da população não-branca são maiores em todas as ZVs e na RMC como um todo. Mas estas diferenças ocorrem de modo muito acentuado na ZV4 e na ZV3 onde tais taxas excedem as da população branca, respectivamente em 17 e em 9 pontos percentuais. Com relação aos anos de instrução, observa-se que em todas as ZVs as taxas de participação aumentam com os anos de instrução. Mas são as ZVs 3 e 4 que chamam a atenção por apresentarem taxas de participação em níveis muito abaixo dos níveis da RMC em ambas as faixas de instrução e, de modo bastante acentuado na faixa de até oito anos de instrução.

Em contrapartida, nas ZVs 1 e 2 as taxas de participação são mais altas do que as da RMC em todos os níveis de instrução. Assim, da perspectiva dos anos de instrução, na ZVs 1 e 2 verifica-se a intensificação da participação na PEA em todos os níveis, enquanto nas ZVs 3 e 4 ocorre o processo oposto. É bem possível que haja aí um efeito de composição com a estrutura etária. As ZVs 3 e 4 são as mais envelhecidas e são exatamente as pessoas mais idosas as que têm maior probabilidade de apresentar maiores níveis de inatividade.

(*) Corresponde a cerca de 40% do total da população da zona 4 e apresenta rendimento médio abaixo da mediana da distribuição geral deste estrato.

Taxas de ocupação, segundo algumas características pessoais e Zonas de Vulnerabilidade

Sexo	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
Masculino	85,30	88,24	88,64	91,35	88,63
Feminino	71,27	80,09	85,88	93,32	82,29
Total	79,19	84,70	87,47	92,31	85,83

Grupos etários	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
10 a 24 anos	67,70	79,42	83,15	85,60	79,81
25 a 39 anos	80,56	85,06	87,89	89,52	86,48
40 a 54 anos	87,29	88,58	87,99	99,00	88,45
55 a 69 anos	75,85	86,54	92,95	94,22	89,13
70 anos e mais	**	**	**	**	**
Total	79,19	84,70	87,47	92,32	85,62

Cor / Raça	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
Branca	78,83	89,08	89,14	93,96	89,34
Não branca	79,42	78,55	82,17	79,82	79,38
Total	79,19	84,70	87,47	92,32	85,83

Anos de instrução	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
	1	2	3	4 *	
até 8 anos	80,16	83,87	78,49	93,10	82,61
9 anos ou mais	77,24	85,71	91,26	91,27	88,48
Total	78,99	84,68	87,49	92,24	85,80

(*) Corresponde a cerca de 40% do total da população da zona 4 e apresenta rendimento médio abaixo da mediana da distribuição geral deste estrato.
 (**) Valores não significativos.

As taxas de ocupação apresentam diferenças interessantes. As mais altas, para homens e mulheres, são encontradas exatamente na ZV4 que apresenta as menores taxas de participação. As taxas de ocupação da ZV4 superam amplamente as da RMC assim como as das demais ZVs. As diferenças são notáveis particularmente no caso das mulheres. Inversamente, as menores taxas de ocupação são encontradas na ZV1, o que permite antecipar que nela, o desemprego será maior, principalmente para as mulheres.

Com relação à idade, em todas as ZVs, mas de forma acentuada na ZV1, as taxas de ocupação são mais baixas entre os jovens de até 24 anos. Nas ZVs 1 e 2 estas taxas atingem seu pico na faixa dos 40 a 54 anos para então começarem a declinar. Novamente, em termos comparativos o declínio é mais acentuado para o grupo entre os 55 e os 69 anos na ZV1. Já nas ZVs 3 e 4 as taxas permanecem altas até os 69 anos. Em todas as ZVs, porém, o percentual de pessoas ocupadas acima dos 70 anos não atingiu valores significativos.

No que diz respeito à cor, não há diferenças nas taxas de ocupação da população branca e da não-branca na ZV1. Nas demais, porém, e de modo particularmente acentuado na ZV4, as taxas da população branca superam as taxas da não-branca. Com relação ao nível de instrução, na RMC como um todo se observa a tendência do aumento da taxa de ocupação conforme aumenta o nível de instrução. Na ZV3 a diferença percentual entre as taxas corresponde ao dobro desta diferença para a RMC. Nas demais Zvs, contudo as taxas de ocupação segundo anos de instrução não apresentam diferenças significativas.

Taxas de desemprego, aberto e total, segundo algumas características pessoais e Zonas de Vulnerabilidade

Sexo	Desemprego	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
		1	2	3	4 *	
Masculino	Aberto	11,51	9,31	8,11	**	8,62
	Total	14,70	11,76	11,36	**	11,37
Feminino	Aberto	24,70	16,02	10,54	**	13,76
	Total	28,73	19,91	14,12	**	17,71
Total	Aberto	17,26	12,22	9,14	**	10,89
	Total	20,81	15,30	12,53	7,69	14,17

Grupos etários	Desemprego	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
		1	2	3	4 *	
10 a 24 anos	Aberto	26,43	17,26	13,36	**	16,14
	Total	32,30	20,58	16,85	**	20,36
25 a 39 anos	Aberto	16,57	12,44	9,41	**	11,01
	Total	19,44	14,94	12,11	**	13,52
40 a 54 anos	Aberto	10,67	8,07	7,67	**	7,73
	Total	12,71	11,42	12,01	**	11,55
55 a 69 anos	Aberto	17,33	9,43	3,63	**	6,98
	Total	24,155	13,455	7,05	**	10,87
70 anos e mais	Aberto	**	**	**	**	**
	Total	**	**	**	**	**
Total	Aberto	17,26	12,22	9,14	**	10,89
	Total	20,81	15,30	12,53	7,69	14,17

Cor / Raça	Desemprego	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
		1	2	3	4 *	
Branca	Aberto	17,38	8,97	7,92	**	8,21
	Total	21,17	10,92	10,86	**	10,66
Não branca	Aberto	17,18	16,80	12,97	**	16,13
	Total	20,58	21,45	17,83	**	20,62
Total	Aberto	17,26	12,22	9,14	**	10,89
	Total	20,81	15,30	12,53	7,69	14,17

(*) Corresponde a cerca de 40% do total da população da zona 4 e apresenta rendimento médio abaixo da mediana da distribuição geral deste estrato.

(**) Valores não significativos.

Conforme já foi observado, as taxas de ocupação e de desemprego na PEA são complementares, de modo que a discussão da ocupação antecipa a discussão do desemprego. As ZVs com as menores taxas de ocupação são aquelas com as maiores taxas de desemprego. Por isso, o mais importante aqui é tentar entender as diferenças entre o desemprego aberto e o total.

As maiores taxas de desemprego aberto e total são encontradas na ZV1 e decrescem de forma ordenada nas ZVs seguintes. Para a ZV4, a ocorrência aparentemente muito baixa do desemprego total impede uma análise mais aprofundada.

Levando-se em consideração os diferenciais por sexo nas ZVs de 1 a 3, as taxas de desemprego feminino aberto e total superam as taxas masculinas em todas elas. As diferenças são muito altas em todas as zonas, particularmente na ZV1 e na ZV2, onde as taxas de desemprego feminino total alcançam respectivamente 29% e 20%.

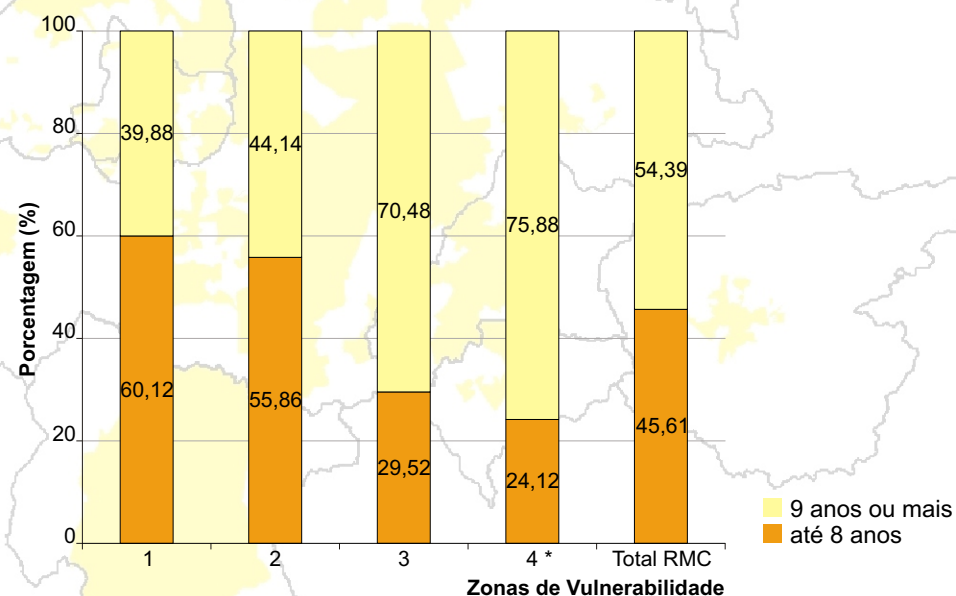
Em termos comparativos, nas ZVs de 1 a 3, as taxas de desemprego aberto e total dos jovens de até 24 anos, são as mais altas da respectiva ZV. Na ZV1, o desemprego total chega a abarcar quase um terço da população ativa deste grupo etário. Estas taxas tendem a cair, em cada uma das ZVs, conforme se avança na idade, até os 55 anos. A partir desta idade, observa-se o recrudescimento do desemprego oculto. Esta forma de desemprego representa, nas ZVs 1 e 2 quase um terço de todos os desempregados de 55-69 anos de idade e a metade do desemprego da ZV3.

Com relação à cor/raça, a ZV1 não apresenta diferenças significativas nas taxas de desemprego oculto e total, da população branca e da não branca. Já nas demais ZVs, assim como na RMC como um todo, as diferenças são muito acentuadas, sendo as taxas de desemprego dos não-brancos sempre maiores.

Taxas de desemprego, aberto e total, segundo algumas características pessoais e Zonas de Vulnerabilidade

Anos de estudo	Desemprego	Zonas de Vulnerabilidade (%)				Total RMC
		1	2	3	4 *	
até 8 anos	Aberto	15,19	11,74	12,48	**	11,83
	Total	19,84	16,13	21,51	**	17,39
9 anos ou mais	Aberto	20,77	12,87	7,66	**	10,33
	Total	22,76	14,29	8,74	**	11,52
Total	Aberto	17,26	12,22	9,14	**	10,89
	Total	20,81	15,30	12,53	7,69	14,17

Composição da PEA segundo anos de estudo e Zonas de Vulnerabilidade



(*) Corresponde a cerca de 40% do total da população da zona 4 e apresenta rendimento médio abaixo da mediana da distribuição geral deste estrato.

(**) Valores não significativos.

Embora na RMC como um todo, as taxas de desemprego aberto e total tendam a cair conforme se avança nos anos de instrução, esta mesma tendência só está clara para a ZV3. Assim como ocorre com as taxas de ocupação, nas ZVs 1 e 2 também as diferenças segundo nível de instrução não parecem significativas. As taxas muito baixas de desemprego aberto e total para a ZV4 impedem sua análise mais detalhada também neste aspecto.